

Alexandra Espiridião

(directora artística do Pim Teatro)

Oficina “Os Serviços e as Práticas Educativas nas Estruturas Culturais”

O Pim teatro é uma companhia que se dedica à criação de espectáculos de teatro contemporâneo para todos (para crianças e adultos ao mesmo tempo), um teatro de arte onde artistas e público se encontram em comunicação através desta arte interdisciplinar.

Aposta na investigação sobre as metodologias de criação contemporânea, nas novas dramaturgias e na formação de públicos.

Cedo nos deixámos atrair pela educação artística e estética das crianças e dos jovens e, fomos experimentando formas de promover esse encontro, onde todos são, poderão ser, artistas e aprendizes.

Desenvolvemos projectos de criação/investigação/formação em escolas, associações ou grupos informais tendo sempre em vista o teatro enquanto espaço performativo onde se encontram corpos em movimento, formas animadas ou inanimadas, sons, palavras...

Numa relação multidimensional, disponibilizamos as nossas ferramentas criativas e técnicas ao serviço do desenvolvimento pessoal e cultural, das comunidades com que nos envolvemos.

Acreditamos que a vivência activa das artes (teatro, movimento, plástica, música) é activamente transformadora dos indivíduos, contribuindo directamente para o desenvolvimento cultural (artístico e estético) das comunidades. Sendo, ao mesmo tempo, profundamente enriquecedor para o trabalho dos criadores.

Na presente comunicação serão apresentadas algumas experiências realizadas em escolas do 1º ciclo do Ensino Básico de Évora, das quais resultaram produtos artísticos diversos: os das crianças - arte infantil e os da companhia.

EB1 Convento Novo – 2001 Universo fantástico

- 2002 Conferências Fantásticas

EB1 Cruz da Picada – Feira do Imaginário

Gostaria, em primeiro lugar, de agradecer à organização dos Encontro Alcultur pelo convite que me foi feito, e saudar este painel de pessoas e organizações que dedicam as suas vidas a transformar a arte em educação e a fazer da educação uma arte.

Estou aqui para vos falar da experiência do Pim-Teatro, uma companhia que se dedica à criação de espectáculos de teatro contemporâneo, para todos (para crianças e adultos ao mesmo tempo), no campo da educação artística.

O Pim-Teatro é uma companhia que aposta na investigação sobre as metodologias de criação contemporânea, nas novas dramaturgias e na formação de públicos.

Cedo nos deixámos atrair pela educação artística e estética das crianças e dos jovens, e logo fomos experimentando formas de promover esse encontro, onde todos são (poderão ser) artistas e aprendizes.

Desenvolvemos projectos de criação / investigação / formação em escolas, associações ou grupos informais, tendo sempre em vista o teatro enquanto espaço performativo, onde se expressam ideias, se concretizam desejos, se experimentam (outras) relações pessoais, emocionais e se procura olhar o mundo de outras perspectivas.

Numa relação multidimensional, disponibilizamos as nossas ferramentas, criativas e técnicas, ao serviço do desenvolvimento pessoal e cultural das comunidades com que nos envolvemos.

Acreditamos que a vivência activa das artes (teatro, movimento, plástica, música) é activamente transformadora dos indivíduos, contribuindo directamente para o desenvolvimento cultural (artístico, cívico e estético) das comunidades. Esse encontro entre artistas é também profundamente enriquecedor para a arte contemporânea, assim os artistas consigam fazer desse encontro vital com as comunidades (crianças, jovens ou adultos) a ocasião de associar a singularidade das suas produções e das suas pesquisas.

Igualmente devo dizer-vos que as experiências do Pim-Teatro, neste campo, assentam na criação de relações estreitas que permitam a troca de experiências, a partilha para a obtenção de produtos artísticos. Raramente realizamos aquilo que vulgarmente se chamam oficinas, assentes em contactos fugazes e na aplicação de

“receitas” que funcionam bem mas que não se repetem. Apostamos em «encontros» que possibilitem relações duradoiras, onde se criem cumplicidades, relações afectivas que, acreditamos, são fundamentais para a criação artística.

Gostaria de vos apresentar brevemente algumas experiências realizadas em contexto escolar na cidade de Évora:

Em 2002, sob a influência das experiências realizadas em França, por Catherine Dastée no Teatro de la Pomme Verte, procurámos um grupo de crianças que nos ajudasse a criar um espectáculo. Encontrámos uma professora disponível, sensível e interessada na EB1 do Convento Novo em Évora que, com a sua turma (3º ano), viajou connosco através do drama, da plástica e da música, à procura das histórias que povoam o Universo Fantástico das crianças. Levámos-lhes coisas do nosso mundo (música, objectos, poemas, pinturas de Kandinski, aguarelas de Mário Botas e fotomontagens de Greta Stern. Escolhemos quatro histórias, das muitas que forma inventadas naqueles quatro meses em que trabalhámos juntos, e montámos o espectáculo **Universo Fantástico**, que ainda hoje nos acompanha em digressão.

A experiência foi de tal modo surpreendente e arrebatadora e a relação afectiva com as crianças e com a professora consolidou-se tanto que no ano lectivo seguinte voltámos. Desta vez à procura de imagens, dos espaços onde acontecem as histórias; com o mesmo grupo de crianças agora no 4º ano. A partir de estímulos sonoros, as crianças visualizaram espaços, reflexos das suas vivências e referências quotidianas, transformados pela imaginação. Através do drama esses espaços ganham emoções e são habitados por personagens. Através das artes plásticas tornaram-se tridimensionais, transformando-se em maquetas que foram a génese das **Conferências Fantásticas**. As maquetas foram usadas para a cenografia do Palácio dos Contos – Espaço cultural disciplinar p/ crianças e para todos.

Em 2004 fomos chamados a colaborar num projecto-piloto de intervenção junto de um grupo de jovens (retirados da escola) num programa curricular alternativo. O projecto era fruto de uma parceria entre a EB2-3 de Sta. Clara- Évora (Programa de Erradicação da Exploração e do Trabalho Infantil) e o Centro de Formação Profissional.

Identificadas as necessidades daquele grupo: transformar o auto-conceito dos indivíduos, promover o respeito pelo outro, desenvolver a capacidade de esforço e de lidar com a frustração, gerar a necessidade de desejar, conceber e realizar um trabalho colectivo; desenvolvemos uma Oficina de Teatro onde, a partir das dinâmicas de trabalho da Expressão Dramática, trabalhámos a consciência de identidade colectiva e promovemos a partilha de universos pessoais / individuais.

Chegámos a um projecto de espectáculo - ***Quem não foge morre***.

Numa relação próxima com a equipa do Pim-Teatro, os jovens construíram com as suas mãos todo o espectáculo: personagens, texto, cenografia, iluminação, banda-sonora, etc.

Estes são alguns exemplos da prática educativa do Pim-Teatro, uma prática que tem como objectivo promover o desenvolvimento individual e o sentimento de pertença a um colectivo que possibilite a sua transformação em comunidade. Contribuir para o desenvolvimento da cultura artística, da criatividade e da sensibilidade estética, proporcionando experiências de criação e vivências colectivas de sucesso. Estas nossas práticas, assentes no amor, nascem da esperança, que temos de que a arte e a criação artística, sendo libertadoras, geram indivíduos esperançosos, que olham o mundo como algo que é possível e necessário transformar.

Os meios que possuímos e colocamos ao dispor dos grupos com quem trabalhamos, são as ferramentas da criação teatral, através das metodologias de criação que temos vindo a investigar e a desenvolver desde 1993.

Antes de começar a contar-vos a experiência de criar e montar **A Feira do Imaginário na EB1 da Cruz da Picada** gostaria de abordar a problemática do resultado. A tão desejada apresentação pública à comunidade e muitas vezes, aos financiadores dos projectos, coloca-se muitas como um obstáculo ao tipo de práticas que nos parecem mais apropriadas a esta parceria artista / comunidade.

Frequentemente remete-nos para situações que, sendo habituais no trabalho dos profissionais, se revelam profundamente constrangedoras para as crianças (a distribuição de papéis – personagens, a fixação, os ensaios repetitivos); onde algo se sacrifica, umas vezes sacrifica-se o prazer, outras vezes a qualidade, outras o processo...

O Pim-Teatro sempre recusou esta prática, procurando o equilíbrio entre a qualidade do processo e a do resultado, defendendo a prática do teatro como algo que dá prazer. Promovendo resultados de manifesta qualidade artística e estética, que afirmem o grupo como um todo e que proporcionem experiências de sucesso.

Embora aceitemos sempre o desafio de uma parceria até às últimas consequências, parece-nos que a grande mais valia da presença dos artistas nas escolas é ao nível dos processos criativos, transformados em processos de investigação (para nós) e de descoberta (para as crianças).

Procuramos que esses momentos / experiências sejam libertadoras, transformadoras, que proporcionem vivências que se possam transformar em aprendizagens.

Não julgamos que a finalidade do teatro seja preparar as crianças para se adaptarem à sociedade, para se tornarem bons cidadãos, para se sujeitarem à moral vigente, mas, pelo contrário, explorar o espírito e descobrir nele, a um nível profundo, qualidades não suspeitadas, não desenvolvidas pela educação tradicional, provocar o despertar, abrir novos campos à imaginação, "quebrar os limites da verdade admitida".

O teatro tem uma função poética no sentido forte da palavra.

Catherine Dasté

In information unesco, Dezembro de 1969

Depois desta viagem, rápida, através da história recente das práticas educativas do Pim -Teatro, vou agora mostrar-vos, tão detalhadamente quanto me é possível, o processo da criação da **FEIRA DO IMAGINÁRIO**.

O que vos trago é o relato de uma experiência, uma experiência de sucesso, que excedeu as nossas expectativas pois decorreu numa comunidade (EB1 da Cruz da Picada) particularmente difícil (bairro – gheto de ciganos, de tendeiros e de marginais), num momento de crise das estruturas de suporte daquela comunidade / Escola. Enquanto vos conto a história de uma aventura criativa partilhada entre artistas e crianças, chamada **Feira do Imaginário**, estarei a falar-vos de:

- . parcerias entre artistas e comunidade?
- . de educação artística?
- . de formação ou de transformação?
- . de processos criativos para a arte contemporânea ou para a arte infantil?

Falemos então de parcerias e de parceiros:

Escola – MUS-E+ ACIME (Alto Comissariado p/ Integração das Minorias Étnicas)

Mus-E – artistas – Pim-Teatro

Artistas – Pim-Teatro

Pim-Teatro – EPRE (Estabelecimento Prisional da Região de Évora)

Artistas – crianças /comunidade escolar

Este trabalho só foi possível pelas condições que estas parcerias proporcionaram, condições humanas, artísticas e financeiras.

Escola – MUS E

. A existência de um projecto como o MUS-E (projecto Europeu de intervenção de artistas em escolas onde há multiculturalidade, criado pelo violinista Yehoudi Menhouin) que defende a presença de artistas a desenvolver um trabalho de continuidade na escola, criou condições humanas e financeiras para um trabalho de criação, experimentação e investigação. Aproveito para vos ler algumas passagens dos projectos e relatórios da Coordenadora do MUS-E Évora:

Dra Isabel Bezelga (Departamento de Pedagogia da Universidade de Évora)

- De acordo com os princípios do Projecto MUS-E, a escola da Cruz da Picada foi seleccionada por servir um grupo populacional muito desfavorecido e em que estão presentes, de forma significativa, crianças oriundas de culturas minoritárias, nomeadamente, crianças ciganas e de famílias de "tendeiros"; mais recentemente, também começaram a frequentar a escola crianças de outras origens (brasileiros, africanos e do leste europeu)
- elevados índices de absentismo e insucesso escolar. Devido a anos sucessivos de repetência torna-se comum encontrar grupos/turmas com uma heterogeneidade etária muito significativa, dificultando ainda mais a intervenção educativa.
- analfabetismo de um número significativo de famílias associado ao semi-nomadismo, provocado pelo exercício das suas profissões (deslocam-se de feira em feira, levando os filhos ou deixando-os entregues a si próprios durante dias inteiros), criam baixas expectativas em relação ao processo de escolaridade das crianças.

Este projecto tem como objectivo

- valorizar os aspectos mais positivos das culturas de origem, possibilitando devolver a cada um o orgulho de *ser* e de *pertencer* a determinada cultura e dessa forma, em pé de igualdade com os outros, poder descobrir e inventar novas formas de partilha.

Parceria musE – Pim-Teatro

. A natureza do projecto musE:

- Acreditamos que esta intervenção através da criação de um objecto estético e artístico de natureza interdisciplinar, potencia a *intervenção comunitária junto da população e a mobilização de parcerias com agentes e instituições locais.*

O trabalho desenvolvido no teatro, dança, música e artes plásticas porque assente na estimulação da cooperação entre as crianças, na exploração, valorização e contemplação dos vários focos de interesses, através de formas criativas de construção artística em grupo, proporcionou uma regulação dos comportamentos e uma maior motivação das crianças pela aprendizagem.

. A filosofia de base do Projecto fundado pelo grande violinista Yehudi Menuhin, (solicitando aos artistas que levem as suas práticas às crianças com que trabalham) vai ao encontro das metodologias de intervenção pedagógica do Pim-Teatro:

proporcionar às crianças vivências criativas, onde o teatro (o movimento, o drama, a música e as artes plásticas) é um veículo para a Expressão ou p/ Comunicação intencional.

Parceria artistas MUS-E / Pim-Teatro

Volto a citar a coordenadora do MUS-E Évora:

- O Projecto MUS-E conta com uma equipa coesa e altamente empenhada de animadores artistas que, ao longo do ano e em horário lectivo, com crianças e professores, vão construindo um sentido para palavras como *respeito pelas diferenças, cooperação e solidariedade*, através do exercício de práticas expressivas e artísticas, no âmbito da música, dança, teatro e artes plásticas.
- De uma forma geral, todos estes animadores/artistas representam ou estão ligados a estruturas de criação artística.
Dança: Marta Coutinho – Associação Pé de Chumbo
Música: Carlos Guerreiro – Gaiteiros de Lisboa
Pedro Calado – Tocà Rufar
Teatro: Alexandra Espiridião – Pim-Teatro
Inês Carvalho – Pim-Teatro

Quando, no início do ano lectivo, o Pim-Teatro apresentou a proposta de realização da Feira do Imaginário todos os animadores/as se deixaram entusiasmar pela proposta. Cada artista desenvolveu, com as suas metodologias, uma parte do projecto. Faziam-se reuniões regulares, cada um sabia que não estava sozinho, sabíamos que éramos uma equipa. Uma equipa que partilhava ideias e estratégias, que acreditava naquele projecto e apostava tudo!

Não nos deixámos demover pelas dificuldades, não nos deixámos contagiar pelo desinteresse da comunidade de professores e auxiliares, não nos deixámos vencer pelo cansaço ou pelas crianças difíceis...

Formámos um colectivo multidisciplinar, coeso, esperançoso e solidário.

Parceria Pim-Teatro – EPR Évora

O pim teatro desenvolve em parceria com a Universidade de Évora – Centro de Investigação em Educação Paulo Freire - um projecto de intervenção artística no estabelecimento prisional de Évora – ***Além Grades*** – que se consolidou em Junho de 2004 com a apresentação do espectáculo de teatro: ***A Ilha dos Caídos***.

Estando nós activamente envolvidos com aquela comunidade considerámos importante a sua participação neste projecto. Permitiria aos reclusos uma ligação positiva com o exterior e valorizá-los-ia a aplicação dos seus saberes fazer oficinas. Devo lembrar-vos que algumas daquelas crianças tem ou tiveram familiares na prisão e que alguns daqueles reclusos tem laços de família com crianças desta escola!

A FEIRA do IMAGINÁRIO

Nesta feira “vendia-se” de tudo um pouco: medos e poções mágicas; desejos e chapéus voadores; cadeiras sonhadas e livros que falam. Não faltaram músicos, malabaristas, acrobatas e monstros...

Um ambiente bem conhecido destas crianças, muitas delas de origem cigana, filhos de feirantes e tendeiros.

Uma feira do Imaginário, porque queríamos uma feira nova, à nossa medida, completamente inventada por nós... cada artista vai trabalhar segundo a sua metodologia e técnicas específicas para este objecto, um objecto incerto, desconhecido...

Feira, porque era importante ter em conta as características sócio-culturais daquela comunidade (ciganos e tendeiros), comunidade que tem nas feiras (actividade comercial) a sua principal ocupação profissional. Uma feira onde as crianças vendem os seus produtos, seria um espaço de liberdade e de criatividade, dado que reflectiria uma vivência que lhes é natural – a feira, o seu espaço de convívio preferencial, de iniciação na vida social, profissional e familiar ...

Conforme se pôde verificar pelos projectos e textos, as crianças desejavam receber dinheiro pelos seus objectos,

Discutimos esta questão pois considerámos que não devia ser utilizado dinheiro real. Optámos por criar uma moeda, uma moeda que não fosse imaginária mas, bem palpável, valiosa e útil.

Assim, a todos os que se foram à FEIRA foi oferecido um pequeno saco de pano que continha berlindes, contas de vidro, imitações de pepitas de ouro e de prata, pequenos objectos valiosos a que nenhuma criança pode resistir.

Esta estrutura teatral pareceu-nos ainda livre dos principais constrangimentos de uma espectáculo, para uma feira não é preciso ensaiar!

A feira é um lugar de improvisos, de ruídos, de palavras, de comunicação efectiva, corpo-a-corpo, desorganizada, colorida...

os processos criativos

Cada artista trabalhou a criatividade / imaginação com os seus grupos, de acordo com os escalões etários, o ano de escolaridade, os interesses das crianças e da professora ou as suas apetências (vivências artísticas que transporta consigo na sua "maleta pedagógica").

Quero dizer que o trabalho que cada artista faz, paralelamente, nas estruturas que integra contagia o seu trabalho criativo com as crianças. Enquanto animadora de teatro e artista do Pim identifiquei dois momentos em que as minhas práticas artísticas foram levadas para a escola e integraram o trabalho:

- durante a reposição do espectáculo de manipulação de objectos: LUZ (Janeiro/Fevereiro de 2005), propus às crianças que utilizassem esta técnica na dramatização de histórias;
- na criação do espectáculo BICHO PAPA-LIVROS, investigámos sobre livros e aprofundámos o conceito de livro/caixa, livro/objecto, este facto terá influenciado as crianças, que criaram uma Banca de Livros Mágicos.

INÊS – Cenógrafa e artista plástica (Pim-Teatro)

1º ano - Medos e monstros -

Começámos por construir a nossa CAIXA DOS MEDOS. Só nossa. Onde pusemos que nos mete medo; o que é enorme, horrível e tem poderes mágicos; o que é estranho; o que não é igual a nós, o que admiramos por ser tão fantástico e terrível – a nossa galeria de monstros. Depois resolvemos partilhar estes medos com mais pessoas, com mesmo muita gente. Pusemo-los à venda.

4º ano - Cadeiras

O PROJECTO DAS CADEIRAS consistia em partir da forma clássica do objecto – cadeira – e desconstruir, partir, desmontar, destruir, para depois descobrir ou ir descobrindo uma ou várias novas formas de a fixar como um novo e original objecto que existe num espaço.

“Pretendi trabalhar a ideia de mutabilidade na função ou funcionalidade de um objecto, pela alteração da sua estrutura inicial (pela eliminação de partes suas constituintes, pela colagem de outras que lhe são estranhas, etc...) e a atribuição de uma nova função, a fixação de uma nova estrutura, de um novo nome, de um novo universo de possibilidades para a sua utilização, ou fruição.

O trabalho foi rápido e intenso. Acima de tudo foi bem aceite, e, pela primeira vez, pude sentir que levámos a cabo, e do princípio ao fim, uma actividade para a qual os alunos estavam realmente motivados. Esta experiência não teria sido possível se não tivéssemos contado com a presença de um animador para cada dois participantes, não só porque estes alunos têm uma capacidade de concentração muito reduzida, encontrando motivos de dispersão em qualquer situação, mas também porque foi necessário o manuseamento de ferramentas manuais e eléctricas. Talvez assente neste ponto específico o grande factor de sucesso da actividade. Os alunos puderam exercer um trabalho manual, onde lhes foi depositado um elevado grau de responsabilidade. “Aquilo era a sério!”. Foi um risco grande que valeu a pena correr.”

Alexandra Espiridião – actriz, criadora teatral (Pim-Teatro)

3º e 4º ano – **CRIAÇÃO DE HISTÓRIAS**

Tomei como desafio a criação de histórias num trabalho de globalização das expressões (drama, movimento e plástica), usei vários tipos de indutores, várias abordagens, e levei comigo as crianças e (algumas) professoras, a viajar através desse mar agitado, de Janeiro a Maio.

1ª FASE: **Criação de histórias a partir de objectos** - Dezembro e Janeiro

Trabalho centrado na dramatização das histórias (inventadas individualmente ou a pares) através da manipulação de objectos (teatro de marionetas), da criação de espaços e ambientes.

2ª FASE: **Criação de histórias a partir do baú dos contos** - Fevereiro e Março (cartas com elementos arquetípicos retirados dos Contos populares de Évora – um trabalho realizado (em 2001) pelo Pim-Teatro para o espectáculo ***Era uma vez uma velha***): Baú dos Contos Personagens animais / Personagens fantásticas / Personagens humanas / Objectos mágicos / Demandas.

Criação de narrativas / apropriação e exploração da história

A história criada, individualmente ou em pequenos grupos (3 ou 4 elementos), era contada, à classe, e dramatizada por todas as crianças em círculo (espaço cénico central). o grupo que cria a história vai narrando e as outras crianças dramatizam a história, passo a passo, criam com o corpo os objectos / os espaços etc.

Este processo de narração/acção contribui para o desenvolvimento das histórias (descrição pormenorizada dos espaços, compreensão da relações das personagens entre si). A redacção das histórias foi feita na sala de aula com a professora.

3ª FASE: **Dramaturgia + Construção das fichas de personagem** - Abril

A exploração das histórias através do drama conduziu à análise das situações dramáticas (conflito-resolução), das personagens e suas relações, dos espaços onde decorrem. Foi realizada uma abordagem plástica às personagens através da realização de FICHAS DE PERSONAGEM: a primeira materialização de uma ideia, simultaneamente formal e emocional, que fazemos de uma personagem. Trata-se de uma espécie de fotografia impressionista de uma ideia de personagem que, pela passagem ao universo das coisas materiais, tomou forma. Fixou-se. Podendo, assim, ser mostrada, apresentar as suas características físicas, existir enquanto entidade exterior ao indivíduo que a imaginou.

4ª FASE: **elaboração de projectos bidimensionais** - Maio

As histórias faziam agora parte do nosso mundo, tínhamos feito de tudo com elas Jogávamos à *mamã dá licença* dando os passos como a águia, deusa ou diabo... Agora era preciso abandoná-las, guardar só um pedaço, pegar nele e transformá-lo numa coisa que existe, que se pode ver, tocar e vender. As crianças escolheram um ou dois objectos das histórias e projectaram a sua construção: desenharam-nos e escreveram textos (memórias descritivas). Fizemos listas dos materiais necessários e quem traria de casa: cordas, molas de roupa, tecidos coloridos, bolas rasgadas, sapatos velhos, tazos...)

5ª FASE: **Construção plástica dos objectos** - Junho

Elaboração dos projectos bidimensionais e memórias descritivas das bancas.

Improvisação a partir dos objectos.

Apropriação, partilha, jogo e criação de novas histórias.

Elaboração pregões e poemas sobre os objectos

Depois de dias intensos numa sala desarrumada cheia de ferramentas, de pincéis que nunca estavam lavados, de materiais diversos e objectos estranhos, habitada por crianças excitadas e adultos cheios de espanto... os objectos surgiram, diferentes especiais, únicos.

Próprios, como os substantivos.

Pessoais, como as escovas de dentes.

Cheios de vida, de histórias e magias poderosas.

Poderosas porque cada pingo de cola, cada pincelada de tinta, cada peça que se lhe juntava era um feitiço que se lhe acrescentava.

Objectos vulgares, que muitos olhariam como lixo foram transformados em fenómenos únicos, passíveis de ser desejados por qualquer ser humano com algum sentido de oportunidade para o negócio e uma boa dose de senso comum.

AS BANCAS

Concebidas pelas crianças e construídas por um grupo de reclusos do EPR-Evora foram trabalhadas pela responsável plástica do projecto a Cenógrafa do Pim-Teatro e Animadora MUS-E, Inês de Carvalho.

BANCA DAS ROUPAS, SAPATOS E ARMAS

"Venham ver o que temos para vender!", espadas e escudos mágicos, sapatos que te levam de viagem, roupas com feitiços de protecção e de força. Penduradas em cruzetas ou desarrumadas em gavetas, guardadas pelos olhos e as mãos dos felizes vendedores que atraíam os compradores com os seus pregões, uma após outra todas

as preciosas relíquias foram sendo trocadas por pedras brilhantes e outras preciosidades que enchem os bolsos das crianças ávidas de brincadeiras.

Novembro de 2005

Alexandra Espiridião

BANCA DOS MEDOS E DOS MONSTROS.

Aqui se vendiam monstros e monstrosinhos, medos grandes e medos pequenos. As crianças (pequenas) do 1º ano idealizaram e construíram extensões corporais que depois aplicaram às crianças (grandes) do 4º ano, tendo depois atribuído aos últimos qualidades espectaculares. Nesta banca vendiam-se medos-monstros que qualquer pessoa gostaria de possuir. Estavam também à venda monstros-relíquias eternizados em barro e fixados num nome extraordinário. Medos-bibelots. Monstros para guardar em casa.

BANCA DOS LIVROS MÁGICOS

Um livro é um objecto que permite a passagem para outro lugar, viver outra vida, ver e compreender o mundo com outros olhos. As crianças construíram livros-caixa (objectos inspirados no trabalho realizado pelo Pim-Teatro para o espectáculo Bicho Papa-Livros e na oficina de Histórias Dentro de uma Caixa).

BANCA DAS POÇÕES

Magias enfrascadas em potes, garrafas, fechadas em pequenos guarda-jóias, latentes em panos coloridos, presentes em quadros, em bolas de pano.

BANCA DOS CHAPÉUS

Se um chapéu faz de nós outro, uma bruxa, um guerreiro ou um jardineiro, um chapéu mágico faz isso e muito mais, na nossa banca os chapéus até faziam chover.

BANCA DAS CADEIRAS

Depois de transformadas as cadeiras podem ser aviões ou carroças e ditas as palavras certas podem levar-nos aonde nenhuma agência de viagem jamais poderá.

À Feira do Imaginário vieram os familiares e amigos das crianças, gente do bairro e de outros bairros, em geral, todos se deixaram surpreender / tocar, compraram todos os objectos e dirigiram sorrisos e palavras agradáveis aos professores e auxiliares.

Foi um dos raros momentos em que muitos pais/ familiares, se mostraram orgulhosos pelo que os filhos fizeram na escola.

No final as bancas estavam vazias e as crianças tinham os bolsos cheios de pequenos objectos valiosos!

CONCLUSÕES / QUESTÕES

O que aqui apresentamos é uma experiência, que reflecte o amadurecimento da proposta artístico-pedagógica do Pim-Teatro.

Foi de facto uma experiência de sucesso, que nos entusiasmou e continua a entusiasmar e que queremos passar a outros.

- Teatral, performativa?

Artística, Multidisciplinar e Interdisciplinar, contemporânea, claro!

- Podemos chamar-lhes arte Infantil?

Queremos acreditar que sim, já que houve claramente, **intencionalidade**, as crianças quiserem contar aos outros as suas histórias, nascidas de um trabalho vivencial, expressivo, criativo, projectado e construído. Consideramos que houve um processo criativo, acompanhado, evolutivo, individual e colectivo, interdisciplinar. Houve criação, apropriação, reflexão, projecto, execução e comunicação.

A Feira do Imaginário é fruto de um sonho que se tornou realidade, superando as expectativas.